

PSICOPOLÍTICA, NEOLIBERALISMO E AS NOVAS FORMAS DE PODER¹*PSYCHOPOLITICS, NEOLIBERALISM AND THE NEW FORMS OF POWER**PSICOPOLÍTICA, NEOLIBERALISMO Y LAS NUEVAS FORMAS DE PODER*HABOWSKI, Adilson Cristiano² CONTE, Elaine³ 

A obra *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, de Byung-Chul Han, é dividida em treze capítulos e trata da crise de liberdade como uma nova forma de exploração e submissão do sujeito em rede digital, cuja própria liberdade provoca coerções de poder ilimitado e interditos de submissão da experiência humana. Embora o sentimento de liberdade e de insubmissão nos acompanha em termos de projetos e reinvenção constante na atualidade, essa responsabilização surge na figura de coerção, ainda mais eficiente em termos *de subjetivação e sujeição* própria.

O livro aborda a situação paradoxal dessa questão, visto que a liberdade é antagônica à coerção, mas é a que produz o maior lucro. No entanto, o excesso do *próprio capital* acaba provocando doenças psíquicas, tais como depressão (*solidão emocional* pelo isolamento e incapacidade de *realizar-se no agir coletivo*) ou síndromes do esgotamento profissional pela autoexploração para obter o melhor desempenho na competição com os outros, obrigando o sujeito a trabalhar incansavelmente como um ideal de vida e de luta interior consigo mesmo, sem a formação de um nós político. Tal sujeito dominado pela ditadura do capital humano é explorado em sua própria liberdade e “incapaz de se relacionar livre de qualquer interesse” ou por *solicitude* (HAN, 2018, p. 11). A ideia reside no fato de que “a liberdade individual é uma servidão na medida em que é tomada pelo capital para a sua própria multiplicação. Assim, o capital explora a liberdade do indivíduo para se reproduzir na livre concorrência” (HAN, 2018, p. 13). A rigor, “quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso” (HAN, 2018, p. 16). Essa lógica não permite a emergência de qualquer tipo de resistência ao sistema e torna os explorados depressivos, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia, segregação e hierarquização social.

No tocante à rede digital, o livro refere que inicialmente foi “celebrada como um *médium* de liberdade ilimitada. O primeiro slogan publicitário de Microsoft, *Aonde você quer ir hoje?*, sugeria uma liberdade e uma modalidade sem fronteiras na internet” (HAN, 2018, p. 19). No entanto, a sociedade digital de comunicação ilimitada e liberdade se mostrou uma ilusão, transformando-se em

¹ Resenha da obra: HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyinê, 2018. Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Tradução e revisão textual: Elaine Conte.

² Universidade La Salle - Canoas/RS – Brasil.

³ Universidade La Salle - Canoas/RS – Brasil.

monitoramento, exploração impiedosa e controle total. Hoje, as identidades construídas socialmente se expressam como investimento sobre o corpo vivo, em *próteses tecnológicas*, com uma abundância de tempo midiático, para estabelecer relações entre os estilos e representação de vida, trazendo riscos de centralização e autoritarismo do espetáculo (CANCLINI, 2005). “Trata-se de saber se ainda é possível produzir, criar e eleger como cidadãos, ou nos contentaremos com a modesta liberdade de *zapping*” (CANCLINI, 1999, p. 196). As teorias comunicacionais nos lembram que a (des)conexão com os outros é parte da nossa constituição intersubjetiva e coletiva. Parece que a nossa cultura está programada para gerar grande impacto e uma obsolescência instantânea com modos diferentes de marginalização, cuja “corrupção ou a informalidade dificultam o exercício de direitos de trabalhadores e consumidores” (CANCLINI, 2005, p. 212).

No que se refere à transparência, o filósofo diz que é uma reivindicação da produção imaterial que, em nome da liberdade da informação, torna-se um dispositivo de mais comunicação, produtividade, crescimento e aceleração à vontade, *circulando independente do contexto*. A exposição sem qualquer coerção ou avaliação crítica gera consequências gravíssimas e crise da liberdade. A psicopolítica digital torna as pessoas submissas a *um estado de coisas*, quantificável, mensurável, controlável, da competição e otimização que gera culpa, revelando o fim do livre-arbítrio. “O *curtir* é o amém digital. Quando clicamos nele, subordinamo-nos ao contexto de dominação” (HAN, 2018, p. 24).

Han traz no segundo capítulo, o *Poder inteligente* que se expressa como violência ou repressão, mas não necessariamente excludente ou oposto à liberdade. “Hoje, o poder assume cada vez mais uma forma *permissiva*. Em sua permissividade, ou melhor, em sua afabilidade, o poder põe de lado sua negatividade e se passa por liberdade” (HAN, 2018, p. 26). Ao mesmo tempo, por deixar as pessoas *dependentes e viciadas no digital*, essa técnica de poder é muito mais eficiente porque “faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação *por si mesmas*. A particularidade da sua eficiência está no fato de que não age através da proibição e da suspensão, mas através do agrado e da satisfação” (HAN, 2018, p. 26). Ao repensar o poder inteligente da comunicação que cria necessidades, desejos, preferências, o autor revela que nós acabamos explorados e somos “livres” no mundo digital para expor a nossa própria vida. Em outras palavras, “sujeitos com direitos são obrigados a ser livres, isto é, fazer opções dentro de um estado limitado onde o bem-estar é reduzido ou modificado a cada viravolta do mercado ou de arranjos semelhantes” (PETERS, 2015, p. 28).

Em *A toupeira e a serpente*, terceiro capítulo, Han discute sobre a sociedade disciplinar de reclusão que deu lugar a outras formas de produção imateriais em rede, que insistem em dissolução de fronteiras e mais abertura, inerente à técnica psicopolítica de dominação do regime neoliberal. “A toupeira, entretanto, não pode tolerar essa abertura. [...] A toupeira é *trabalhadora* [...] se move em espaços pré-instalados, e por isso se submete a restrições. É um *sujeito* submisso” (HAN, 2018, p. 30).

Por sua vez, no quarto capítulo aborda a reflexão sobre a *Biopolítica* como massa de (re)produção *da população* que deve ser administrada. “A biopolítica é a técnica de governança da sociedade disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a *psique*” (HAN, 2018, p. 35). Para o autor, “a partir do *big data* é possível extrair não apenas o psicograma individual, mas o psicograma coletivo, e quem sabe até o *psicograma do inconsciente*. Isso permitiria expor e explorar a psique até o inconsciente” (HAN, 2018, p. 36).

O quinto capítulo é sobre *O dilema de Foucault* em relação ao conceito não explorado de biopolítica (vinculado à forma disciplinar do biopoder capitalista - *política dos corpos*). Na perspectiva de Han (2018, p. 38), Foucault “não realiza a virada para a psicopolítica que teria sido necessária” ao nosso tempo. Isso porque Foucault “não reconhece que *o regime neoliberal de dominação se apropria completamente das tecnologias do eu*, nem que a otimização permanente de si como técnica de si neoliberal não seja nada mais do que uma forma eficiente de dominação e exploração” (HAN, 2018, p. 43). Han descobre com a *virada para a psique* e também para a *psicopolítica*, uma inter-relação com os modos imateriais e incorpóreos da produção de otimização estética (o corpo se torna um acontecimento *sexy* e *fitness*) da atualidade. “O corpo como força produtiva não é mais tão central como na sociedade disciplinar biopolítica. Em vez de *superar* resistências corporais, processos psíquicos e mentais são *otimizados* para o aumento da produtividade” (HAN, 2018, p. 40). E acrescenta, “aqui coincidem a otimização de si e a submissão, a liberdade e a exploração. Esse estreitamento entre a liberdade e exploração na forma de exploração de si escapa ao pensamento de Foucault”, do corpo como objeto (HAN, 2018, p. 44).

No sexto capítulo - *A cura como assassinato*, o autor explora as técnicas de dominação mais refinadas de subjetivação, centradas na gestão e otimização de pessoas até o esgotamento, para o funcionamento do sistema, sob a lógica da eficiência e desempenho como autorrealização de um sonho. Esta intimamente relacionado aos próprios desejos, que representa uma *cura terapêutica* de qualquer fraqueza ou debilidade subjetiva. Tal controle motivacional do mercado “visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornando objeto de (auto)exploração”, que conduz ao *colapso mental* (HAN, 2018, p. 45). Hoje, as mídias digitais permitem que a nossa condição de vida seja invadida pelas narrativas mais absurdas do mercado, que exercem um controle ilimitado sobre a formação cultural e o comportamento humano.

O sétimo capítulo, intitulado *Choque*, refere-se à terapia executada através da administração de choques elétricos como forma de reformatação e reescrita humana. Na tentativa de erradicar o mal ideológico de resistência, as práticas estão relacionadas à lavagem cerebral, por meio de paralisações traumáticas e aniquilação dos conteúdos psíquicos dirigidas ao outro, com bases em interrogatórios maniqueístas. O regime da nova articulação neoliberal “opera com o choque; o choque apaga e esvazia a alma, tornando-a indefesa, de modo que o indivíduo se submete voluntariamente a uma reprogramação radical” (HAN, 2018, p. 51). O simples ato de *curtir* lisonjeia a alma e a paralisa ou aniquila, atuando proativamente, constituindo-se numa psicopolítica neoliberal “inteligente que busca agradar em vez de oprimir” (HAN, 2018, p. 53).

O amável grande irmão (capítulo oito) revela o Estado de vigilância dominado pela aparência de liberdade e comunicação ilimitadas. Assim, “a técnica do poder do regime neoliberal não é proibitiva, protetora ou repressiva, mas prospectiva, permissiva e projetiva. [...] Somos todos compelidos a comunicar e a consumir”, pelo princípio de positividade da estimulação e exposição voluntária (HAN, 2018, p. 57). Nesse ponto, “a liberdade é sempre explorada. Ao pan-óptico digital falta aquele Grande Irmão que arranca informações contra nossa vontade. Em vez disso, nós nos revelamos, expomo-nos por iniciativa própria” e somos também controlados (HAN, 2018, p. 57).

No capítulo seguinte aborda *O capitalismo da emoção* por meio do excesso de sentimentos e emoções presentes em expressões paradoxais, desvelando mais as características da *emocionalidade* do que a racionalidade do próprio agir humano. Para o autor, “ignoram que a conjuntura da emoção é uma consequência do processo econômico. Além disso, predomina uma confusão conceitual. Ora se fala de emoção, ora de sensação, ora de afeto”, que são características inenarráveis da comunicação digital, sem uma *orientação performática* rígida e inflexível (HAN, 2018, p. 59). Depreende-se que “o *emotional design* molda emoções e padrões para maximizar o consumo. Hoje, em última instância, não consumimos coisas, mas emoções”, que se desdobram na comunicação tendenciosa da produção social do próprio comportamento do indivíduo (HAN, 2018, p. 66).

No capítulo dez, Han evidencia a *Gamificação* como mecanismo de poder para o mundo do trabalho, que explora o *homo ludens* e o submete às relações de dominação *enquanto joga*, criando mais motivação. “Através da rápida sensação de realização e do sistema de recompensas, o jogo gera mais desempenho e rendimento. O jogador com suas emoções está muito mais envolvido do que um trabalhador meramente funcional ou que atua apenas no nível racional” (HAN, 2018, p. 69). Agora, o tempo livre é esvaziado de sentido *improdutivo* e “colabora para a *produção de capital fixo*. Assim, o conhecimento é capitalizado [pois], o aumento do tempo de ócio multiplica o *capital humano*” (HAN, 2018, p. 71).

No capítulo onze, o autor associa o *Big Data* como uma forma de controle eficiente do pan-óptico digital de uma comunicação massiva travestida de uma *lente transparente e confiável*. O imperativo são os dados que conduzem a um *totalitarismo digital*, uma espécie de fetichismo massivo por meio de “datassexuais” (HAN, 2018, p. 83). O novo lema é “autoconhecimento através dos números” sobre si mesmo na rede digital (HAN, 2018, p. 84). Hoje, a vida é reproduzida por registros eficientes do sistema digital (cálculo estatístico-matemático de mensagens e gostos), o que restringe o princípio *da liberdade da vontade* e contingência do mundo, visto que as manifestações e ações humanas são direcionadas por um controle psicopolítico.

No penúltimo capítulo, *Para além do sujeito*, Han anuncia “uma *quebra da certeza dominante* que *invoca* uma constelação do ser completamente diferente. Os acontecimentos são viradas nas quais se realiza uma inversão, uma subversão da dominação. Um acontecimento dá *lugar* a algo que faltava no estado interior” (HAN, 2018, p. 106). A arte de bem viver ou da experiência formativa plena de sentido enquanto uma prática de liberdade que cria outras formas de linguagem se contrapõe à psicopolítica neoliberal do estar submetido ao *terror psicológico*, isto é, “ela se realiza como uma despsicologização” (HAN, 2018, p. 107).

O último capítulo traz um título provocador, *Idiotismo*, no qual o autor desvela a expansão do consumismo irresponsável e da violência mundial que identifica o idiotismo no poder que dá acesso ao *completamente Outro*. Para Han, hoje há uma força de inércia que parece ter banido da sociedade esse perfil de idiota desconectado e desinformado, que representa uma prática de liberdade e resistência à aceleração da comunicação conformada com o capital. “A conexão digital e a comunicação totais aumentam significativamente a coerção por conformidade. A violência do consenso reprime o idiotismo” (HAN, 2018, p. 110). Por uma razão simples, diante da coerção da comunicação “a resistência e a rebeldia da alteridade ou do estranhamento perturbam e retardam a comunicação plana

do Mesmo” (HAN, 2018, p. 111). Em vista da crescente obrigação de conformidade comunicativa, “o idiotismo erige *espaços abertos de silêncio, quietude e solidão* nos quais é possível dizer algo que realmente merece ser dito” (HAN, 2018, p. 112). Acrescenta que “é a *negatividade* que arranca o sujeito de si mesmo e o liberta na *imensidão do tempo vazio*. O idiota não é um sujeito, é *antes uma existência em flor: simples abertura à luz*” (HAN, 2018, p. 117).

Entre os vários desafios da atualidade, essa obra contribui com os debates sobre a *Psicopolítica* e as novas técnicas de poder e coerção da liberdade humana, que precisa ser esclarecida e combatida em vários espaços e segmentos educacionais, sociais, culturais, políticos e institucionais na atualidade. Com a demanda por renovação constante das tecnologias na cultura digital, parece que vivemos em uma espécie de autocontradição performativa. Ou seja, vivemos a abertura das fronteiras digitais para acessar informações e conhecimentos no mundo e, ao mesmo tempo, estamos de volta ao mundo fechado em si, separando o texto da leitura em voz alta e do pensar, pelo caráter hermético da tradução. A obra provoca discussões sobre a otimização do sujeito em uma sociedade do conhecimento e da comunicação total, reconhecendo os mecanismos neoliberais que trabalham à *despsicologização* em nome do saber/poder hegemônico do mercado.

REFERÊNCIAS

1. CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**; conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
2. CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
3. PETERS, Michael. Financeirização, o ácido que corrói a democracia. **IHU On-Line**, v. 472, n. 15, p. 26-32, set. 2015.

Adilson Cristiano Habowski

Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade La Salle - Canoas/RS, na linha de pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Possui o Ensino Médio na modalidade normal (magistério), com habilitação para atuar como professor nas áreas de Educação Infantil e Séries Iniciais (2014); Graduação em Teologia pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2017) e Especialização em Docência no Ensino Superior: Práxis Educativa pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2019). Tem experiência prática nas áreas de Educação Infantil, Séries Iniciais e na área de Pastoral Escolar, com ênfase em Formação humana. Tem interesse principalmente nos seguintes temas: filosofia das tecnologias; tecnologias e educação; teoria crítica; filosofia da educação; hermenêutica e educação; sexualidade, gênero e educação. Participante do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/UNILASALLE/CNPq.

Elaine Conte

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012). Professora da Universidade La Salle - UNILASALLE, Canoas, atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq, com financiamento do CNPq e do Programa Primeiros Projetos da FAPERGS. Possui graduação em Pedagogia com habilitação em séries iniciais e matérias pedagógicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2003) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2005). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, teoria crítica, filosofia da educação, tecnologias digitais e educação, estética e performance, educação a distância. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade La Salle e do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores - GEFFOP/CNPq.

Como citar este documento:

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Psicopolítica, neoliberalismo e as novas formas de poder. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, jun. 2020. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14275>>. Acesso em: _____. doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v28i2.14275>.